

NOÇÃO DE TEXTO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO: UMA APLICAÇÃO À BASE DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

**Alexandre Robson Martines, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-4524-0978>**

Ana Clara Gatto, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil, <https://orcid.org/0000-0002-6650-4629>

**Carlos Cândido de Almeida, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-8552-1029>**

RESUMO

A Organização do Conhecimento, mais precisamente a Organização da Informação, contempla procedimentos de representação de objetos informacionais por meio de conceitos traduzidos em linguagens especializadas, o que permite a futura recuperação e uso dos documentos. Nesse cenário, tem-se a extração da informação dos documentos, as chamadas palavras-chaves, que perpassa práticas, estratégias e métodos que viabilizam a análise e o tratamento documental. Entretanto, o tratamento e a análise documental realiza-se no nível textual, e tendo que todo texto é a manifestação de um discurso, para seu entendimento e representação é preciso passar pelos processos de significação que é verificado através dos recursos textuais, da enunciação e do próprio discurso presente no plano da expressão, entende-se que a análise documental tradicional se restringe à seleção de palavras-chave, que é reduzido na análise semiótica ao nível do signo como imagem-tema, prática repetitiva e condicionada do fazer profissional. A Organização do Conhecimento é um campo que envolve fatores técnicos, metodológicos, práticos e epistemológicos, que permitem debates sobre o conhecimento e sua organização e representação, assim como os processos e produtos para efetivar as atividades de tratamento, análise, descrição e produção de instrumentos capazes de categorizar e indexar objetos informacionais. Sendo assim, é importante o debate sobre o procedimento de análise e tratamento documental e para sua interpretação, recorre-se as teorias semióticas que abordam o discurso em que se verifica o sentido por meio do percurso gerativo da expressão, evidenciando a relação entre signo, frases e proposições na elaboração do enunciado e o sentido manifestado na enunciação constatado pela coesão, coerência e congruência, possibilitando o reconhecimento da significação que se realiza no nível do discurso. Dessa forma, busca-se compreender a noção de texto e da representação da informação como parte de um discurso. Para tanto, entende-se que a semiótica de linha francesa, principalmente a proposta por Greimas, apresenta recursos metodológicos e técnicos para analisar e compreender a noção de texto como integrante do discurso, sendo toda representação da informação uma parte do discurso decodificada em palavras-chave utilizadas na busca e recuperação dos objetos informacionais. O artigo apresenta metodologia qualitativa, pautada na análise de conceitos e na pesquisa bibliográfica realizada na base de dados Dialnet de fundamentos teóricos sobre a noção de texto, tratamento e análise documental, indexação, enunciado, enunciação e discurso. Conclui-se que a semiótica discursiva é capaz de oferecer para a Organização e Representação da Informação e do Conhecimento mecanismos de interpretação à base semiótica, a fim de garantir que promova relações semânticas e cognitivas com as propriedades científicas do documento para tratar de modo mais efetivo e contundente a informação manifestante no nível discursivo.

Palavras-Chave: Análise Documental; Texto; Discurso; Enunciado; Semiótica Discursiva.

NOCIÓN DE REPRESENTACIÓN DE TEXTO Y DE INFORMACIÓN: UNA APLICACIÓN BASADA EN LA SEMIÓTICA DISCURSIVA

RESUMEN

La Organización del Conocimiento, más precisamente la Organización de la Información, incluye procedimientos para representar objetos informativos a través de conceptos traducidos a lenguajes especializados, lo que permite la futura recuperación y uso de documentos. En este escenario, se produce la extracción de información de los documentos, las llamadas palabras clave, que recorren prácticas, estrategias y métodos que posibilitan el análisis y tratamiento de los documentos. Sin embargo, el tratamiento y análisis documental se realiza a nivel textual, y como todo texto es la manifestación de un discurso, para su comprensión y representación es necesario atravesar los procesos de significado que se verifican a través de los recursos textuales, la enunciación y desde el discurso mismo presente en el plano de expresión, se entiende que el análisis documental tradicional se restringe a la selección de palabras clave, que se reduce en el análisis semiótico al nivel del signo como tema-imagen, práctica repetitiva y condicionada de la acción profesional. haciendo. La Organización del Conocimiento es un campo que involucra factores técnicos, metodológicos, prácticos y epistemológicos, que permiten debates sobre el conocimiento y su organización y representación, así como los procesos y productos para llevar a cabo las actividades de tratamiento, análisis, descripción y producción de Instrumentos capaces de categorizar e indexar objetos informativos. Por lo tanto, es importante debatir el procedimiento de análisis y tratamiento documental y para su interpretación recurrir a teorías semióticas que aborden el discurso en el que se verifica el significado a través del camino generativo de la expresión, evidenciando la relación entre signo, frase y proposición en la elaboración del enunciado y del significado manifestado en el enunciado verificado por la cohesión, coherencia y congruencia, posibilitando el reconocimiento del significado que tiene lugar en el nivel del discurso. De esta manera, buscamos comprender la noción de texto y la representación de la información como parte de un discurso. Por lo tanto, se entiende que la línea semiótica francesa, principalmente la propuesta por Greimas, presenta recursos metodológicos y técnicos para analizar y comprender la noción de texto como parte del discurso, siendo toda representación de información parte del discurso decodificado. en palabras- clave utilizada en la búsqueda y recuperación de objetos informativos. El artículo presenta una metodología cualitativa, basada en el análisis de conceptos e investigaciones bibliográficas realizadas en la base de datos Dialnet de fundamentos teóricos sobre la noción de texto, tratamiento y análisis documental, indexación, enunciado, enunciación y discurso. Se concluye que la semiótica discursiva es capaz de ofrecer a la Organización y Representación de la Información y el Conocimiento mecanismos de interpretación basados en la semiótica, con el fin de garantizar que promueva relaciones semánticas y cognitivas con las propiedades científicas del documento para abordarlo de manera más efectiva y contundente. la información que se manifiesta en el nivel discursivo.

Palabras-Clave: Análisis de Documentos; Texto; Discurso; Enunciación; Semiótica Discursiva.

NOTION OF TEXT AND INFORMATION REPRESENTATION: AN APPLICATION BASED ON DISCURSIVE SEMIOTICS

ABSTRACT

The Organization of Knowledge, more precisely the Organization of Information, includes procedures for representing informational objects through concepts translated into specialized languages, which allows the future retrieval and use of documents. In this scenario, there is the extraction of information from the documents, the so-called keywords, which run through practices, strategies and methods that enable the analysis and treatment of documents. However, treatment and documentary analysis

are carried out at the textual level, and since every text is the manifestation of a discourse, for its understanding and representation it is necessary to go through the processes of meaning that are verified through textual resources, enunciation and from the discourse itself present in the plane of expression, it is understood that the traditional document analysis is restricted to the selection of keywords, which is reduced in the semiotic analysis to the level of the sign as theme-image, repetitive and conditioned practice of professional doing. The Organization of Knowledge is a field that involves technical, methodological, practical, and epistemological factors, which allow debates about knowledge and its organization and representation, as well as the processes and products to carry out the activities of treatment, analysis, description, and production of instruments able to categorize and index informational objects. Therefore, it is important to debate the procedure of analysis and document treatment and for its interpretation, resort to semiotic theories that approach the discourse in which the meaning is verified through the generative path of expression, evidencing the relationship between sign, phrases and propositions in the elaboration of the utterance and the meaning manifested in the utterance verified by the cohesion, coherence and congruence, enabling the recognition of the meaning that takes place at the level of discourse. In this way, we seek to understand the notion of text and the representation of information as part of a discourse. Therefore, it is understood that the French line of semiotics, mainly the one proposed by Greimas, presents methodological and technical resources to analyze and understand the notion of text as part of the discourse, with every representation of information being a part of the discourse decoded into words-key used in the search and recovery of informational objects. The article presents a qualitative methodology, based on the analysis of concepts and bibliographical research carried out in the Dialnet database of theoretical foundations on the notion of text, treatment and document analysis, indexing, utterance, enunciation, and discourse. It is concluded that discursive semiotics is able to offer the Organization and Representation of Information and Knowledge mechanisms of interpretation based on semiotics, in order to guarantee that it promotes semantic and cognitive relations with the scientific properties of the document to deal more effectively with and blunt the manifesting information at the discursive level.

Keywords: Document Analysis; Text; Discourse; Enounce; Discursive Semiotis.

1 INTRODUÇÃO

A Organização do Conhecimento contempla os procedimentos ontológicos, metafísicos e físicos que sistematizam o conceito e os aspectos que fundamentam a teoria do conceito, bem como ocorre a efetivação do conhecimento humano e sua aplicação conforme o domínio.

A representação do conhecimento se configura através de sistemas de organização do conhecimento (SOCs), isto é, um conjunto de linguagens especializadas na efetivação dos conceitos com instrumentos direcionados a esse fim, como tesouros, taxonomias e sistemas de classificação como CDD e CDU, a denominada linguagem documental.

A recuperação da informação é um procedimento importante para garantir o acesso, a difusão e o desenvolvimento e, assim, o conhecimento possa ser explorado em novas abordagens, novas investigações e estudos. Ademais, a recuperação da informação está alinhada ao processo de representação da informação, que perpassa pelo tratamento documental e pela indexação a fim de que sejam elaborados objetos informacionais, os quais têm o objetivo de viabilizar a funcionalidade de sistemas informacionais.

O processo de tratamento documental, fundamental para a extração de termos que indiquem a manifestação de conceitos no

documento, está atrelada à leitura documental, uma espécie de leitura profissional em que antecede a indexação, com a proposta de analisar como as informações presentes no texto se ajustam ao domínio e, por sua vez, à organização do sistema informacional.

Embora o tratamento documental seja uma atividade profissional e, desse modo, caracterizando estratégias específicas para a elaboração do objeto informacional, a relação leitor (profissional) e texto está ancorada no enunciado e nas marcas da enunciação, portanto o tratamento temático é decorrente da interação com o discurso.

Na sistematização do discurso, há muitas camadas de significação que acabam ficando de fora do tratamento documental devido à ausência de uma prática sustentada em uma teoria específica para a interpretação dessas camadas, isto é, uma interpretação deve recorrer as esferas do enunciado, da

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse cenário, a Organização da Informação se destaca pela elaboração de objetos informacionais e os processos de extração da informação dos documentos, os quais serão norteadores das atividades de representação em recursos informacionais, que visam à recuperação da informação posteriormente, assim a representação da informação perpassa pelas práticas, estratégias, métodos que viabilizem a análise e o tratamento documental para proceder a catalogação, ou descrição física, e a indexação dos documentos, ou descrição temática, através de linguagem documental, como tesouros, que são elaboradas a partir de terminologia especializada, assim garantindo que a representação da informação obtenha o mesmo critério de padronização e normalização viabilizado nos instrumentos de representação do conhecimento.

Por sua vez, o tratamento documental realiza-se em nível discursivo, porém

enunciação e do discurso, assim explorar os fatores de isotopia (correlação interna de temas e figuras), congruência (inter-relação da coesão e coerência em efeitos de enunciação e discurso), intertextualidade (dialogismo entre texto), aspectualização (os aspectos de interação entre as redes semânticas) temática e figurativa e o interdiscurso (inter-relação entre discursos e sua aplicabilidade em diversos contextos) para constituir caminhos de análise das proposições e construção de inferências.

Nessa perspectiva, é objetivo desta pesquisa apontar fundamentos do texto e aplicar a semiótica discursiva, uma das vertentes da semiótica francesa de linha greimasiana, com o fito de apresentar recursos teóricos para a análise de texto e de discurso e, assim, debater propostas para efetuar um tratamento documental mais abrangente, explorando o texto para além da superfície do enunciado.

utilizando-se de instrumentos textuais. Todo texto é a manifestação de um discurso e, para seu entendimento e representação, este passa por um processo de significação, o qual deve ser verificado consoante os recursos textuais, de enunciação e discurso que estão situados em estratégias voltadas para o apontamento do plano da expressão (Fontanille, 2012, 2019).

Outros autores já abordaram a aplicação da semiótica na área; na linguagem documental, há os trabalhos de Lara (1993, 2000, 2001, 2006), Izquierdo Alonso (2000, 2004), Izquierdo Arroyo (1990, 1993) e Tálamo e Lara (2006); na indexação e representação da informação os trabalhos de Moura, Silva e Amorim (2002), Mai (1997, 2000, 2001) e Friedman e Thellefsen (2011) e em relação a semiótica peirceana e organização da informação com Almeida (2010, 2011, 2012), Barros, Café e Almeida (2013), Evangelista, Guimarães e Almeida (2014), Moura (2006), Thellefsen (2002, 2003, 2004) e Thellefsen e

Thellefsen (2004). Contudo adotaram outras perspectivas, em que compreendem a análise e a descrição de objetos informacionais com foco em seu tema e não no discurso, ou seja, uma abordagem voltada para o léxico e sua

2.1 Texto: Noções Linguísticas

Busca-se estabelecer por meio da literatura o conceito de **texto**, a manifestação em um conteúdo significativo de uma mensagem com caráter comunicativo.

Smith (2011) realiza um levantamento em dicionários em busca de compreender o processo de construção de conceitos fundamentais para a linguística textual e discursiva, a saber: texto, discurso e enunciado.

Começando pelo conceito de *texto*, sua raiz pode ter surgido com sentido de “tecer, fabricar”, servindo também para termos como “textura e contexto”, enquanto *discurso* vem da raiz “correr”, apresentando um sentido de ação, de movimento, e *enunciado* surge no latim com sentido de “expor, divulgar, dizer” (Smith, 2011).

Realizando uma pesquisa histórica, Smith (2011) resgata o primeiro dicionário espanhol, datado de 1737, em que define texto como as palavras próprias de um autor; discurso é relacionada ao raciocínio; e enunciado vem da retórica, sendo conceitualizado como aquilo que é manifestado, logo, historicamente:

[...] os termos *discurso* e *enunciado* têm mantido uma designação relacionada com o campo da atividade verbal, enquanto produto da oralidade. Incluso, quando o *discurso* pode entender-se como ‘tratado ou escrito’, sua definição apela a um conteúdo unitário (coerência) e sujeita a uma finalidade concreta (equiparada à *intencionalidade*). Entretanto, o termo *texto* arrasta uma conceitualização mais bem formal [...] isto se deve, provavelmente, a sua origem em ‘tecido’, [...] que prefigura

correlação semântica em nível textual, ou mesmo uma ênfase à cognição. Além disso, nenhum desses trabalhos promovem a discussão sobre a noção de texto e suas manifestações.

uma visão do texto como objeto que é veículo de relações internas e que se concede como totalidade (Smith, 2011, p. 19).

Salvedas & Paccola (2017) também discutem a noção de texto para diversos autores, iniciando com definições de dicionário. No *Dicionário de termos filológicos* (Carreter, 1953 como citado em Salvedas & Paccola, 2017), texto é um conjunto de signos analisável; para a *Enciclopédia das Ciências da Linguagem*, é um sistema que carrega significação; no *Dicionário de Linguística* (Dubois *et al.*, 1978 como citado em Salvedas & Paccola, 2017) é um conjunto de enunciados passível de análise.

Os autores elencam definições com base em Bernárdez, em que texto é linguagem comunicativa que carrega uma mensagem, sistema de signo organizado de maneira lógica e possui caráter social pois manifesta a linguagem humana.

De acordo com Sirvent Ramos (1987, p. 147, tradução nossa) “a noção de texto surge quando o signo começa a questionar-se enquanto detentor de sentido”, para tanto, utiliza a concepção de Julia Kristeva que define o texto como um aparato translinguístico que organiza a fala visando a uma comunicação.

Para a autora (1987, p. 149), o texto não se prende a gêneros, podendo ser aplicado tanto em obras literárias como em um ensaio, “o texto não supõe um objeto com uma paternidade própria e manifesta, não pretende centrar seu valor aos atributos estéticos, tampouco possui uma mensagem mais ou menos oculta que se pretenda comunicar ou que haveria de elucidar”, é também uma

prática semiótica, pois carrega em si significados.

A linguagem é objeto do texto, “observamos pois que o texto supõe uma produção de significação, uma prática significativa e por tanto plural” (Sirvente Ramos, 1987, p. 151).

Pereira (2018) realiza o levantamento bibliográfico sobre teorias enunciativo-discursivas a partir do estruturalismo até teorias dialógicas, a fim de discutir as definições de texto, discurso e gênero. De acordo com a autora, com o *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, as dicotomias da linguagem entre língua e fala e linguístico e extralinguístico, que após o Curso foram retomadas em outras investigações, mas o texto só passa a ser objeto de análise com as teorias semióticas, linguística textual e análise do discurso.

Chama a atenção para o fato de que as teorias da enunciação não visavam a teorizar especificamente o texto, mas com suas contribuições e aspectos teórico-metodológico aplicadas a determinados contextos subsidia análises relevantes sobre o texto.

A partir de Jakobson, Pereira (2018) elenca as contribuições dos estudos linguísticos para a enunciação, em que o autor supracitado traz a concepção de língua como código, mas essa teoria afasta a questão da enunciação; em Benveniste, é que se tem o primeiro modelo de análise direcionado à enunciação, na qual insere as regras de organização da sintaxe, pressupondo um objeto estruturado, “a afirmação do linguista é de que do ato de enunciação nasce um enunciado, o discurso. [...] O objeto de estudo da língua [...] como visto, é o processo de enunciar, uma vez que o enunciado oferece os elementos de análise da enunciação” (Pereira, 2018, p. 207).

Assim, entende-se que é no diálogo que o signo produz significado a partir do contexto enunciativo em que surge, “assim, o enunciado concreto estabelece conexões com

a vida e não pode estar separado dela, sob pena de perder a significação” (Pereira, 2018, p. 212).

A partir de Bakhtin, a autora ressalta os gêneros do discurso, no querer-dizer, aquilo que quer ser dito caracterizado pela escolha das palavras e o contexto, “portanto, a noção de texto esboçada nos estudos dialógicos do enunciado é dependente da noção de gêneros, pois sendo o enunciado-enunciação o elo na cadeia da comunicação verbal, os gêneros se constituem na engrenagem que movimenta o fluxo das relações dialógicas” (Pereira, 2018, p. 214), sendo texto o que está firmado na produção cultural mediada pela linguagem, tendo texto e enunciação como mesma entidade.

Schwartzmann (2018) busca compreender como a noção de texto se organiza na semiótica francesa, principalmente da noção de Greimas, tendo o texto como objeto de significação constituindo uma totalidade de sentido.

Baquião (2011, p. 53) também utiliza a semiótica de Greimas e define texto como objeto que abrange diversos sistemas de significação, ou seja, a relação entre os elementos da linguagem, “assim, a semiótica conceitua o texto como um conjunto formal de significação que se manifesta em diversas substâncias da expressão: verbais, visuais, audiovisuais, esculturais, arquitetônicas etc.”.

Mendes (2018) define texto como modelo que carrega figuras e temas no sentido greimasiano próprio do processo comunicativo. O autor (2018, pp. 19-20) também utiliza a semiótica como mecanismo para explicar a produção de sentido dos textos, “entendido numa acepção ampla, ou seja, qualquer materialidade (plano da expressão) que se combine com um conceito (plano do conteúdo)” entendendo como texto toda manifestação que expressa um conteúdo, seja um bilhete, fotografia, telenovela, entre outros, em que é analisado como um todo significante.

Moraes (2020) traz a questão de texto para Hjelmslev em contraposição com a noção de Greimas. Para Hjelmslev (2013), texto é uma totalidade absoluta que só adquire sentido quando analisado.

Para Greimas, o texto é uma grandeza anterior a sua análise, que depende de um percurso textual, “não é a divisão do objeto em partes, mas o foco nas dependências mútuas estabelecidas entre essas” (Moraes, 2020, p. 239), logo há a descrição do todo a partir da relação entre suas partes que pode ser no eixo sintagmático ou paradigmático, compreendendo uma hierarquia que “coloca como condição uma direção, essa poderá ser, como dito, paradigmática ou sintagmática; a sua existência depende da uniformidade (ou homogeneidade) presente entre os níveis mais baixos, inferiores, da hierarquia” (Moraes, 2020, p. 240).

González Montero (2005) define *texto*, como marcado por três fatos indispensáveis, possui essência comunicativa, o contexto condiciona sua produção e recepção no espaço e tempo e possui uma estrutura interna que possibilita identificar seu significado, formado pelo plano de conteúdo e pelo plano da expressão.

O texto carrega duas propriedades, a coerência e a estilística, em que os mecanismos linguísticos, como a semântica e a morfossintática, estão presentes na coerência e coesão.

Em primeiro lugar, aparecem os mecanismos do plano da substância linguística do conteúdo, os relativos ao significado do signo, propriamente denominados de lógico-semânticos [...]. Neles se encontram os recursos de coesão léxica e, em segundo lugar, surgem os mecanismos orientados fundamentalmente no plano formal, o plano morfossintático do signo linguístico, concretamente os pertencentes ao plano da forma linguística de seu conteúdo (González Montero, 2005, pp. 210-211).

Em suma, toda manifestação que comunica algo, estrutura a informação e carregue significado é texto, podendo ser uma fotografia, um filme, um livro, devendo ser analisado em seu contexto de criação e aplicação.

De forma facilitar a visualização das linhas teóricas seguidas pelos autores supracitados, tem-se o quadro a seguir com as principais tendências teóricas, as quais citam Estruturalismo, principalmente os propostos por Hjelmslev e sua divisão de texto em forma da expressão e conteúdo, Greimas com as figuras e temas (Ilari, 2018) e Barthes (2004) com o texto como manifestação do autor; e Linguística Aplicada com preceitos de Bakhtin cuja teoria da linguagem considera o texto como forma de comunicação e diálogo dependente de seu contexto (Molon & Viana, 2012).

Quadro 1: Linhas teóricas dos autores

Linha Teórica	Autores	Conceito de Texto
Estruturalismo	Sirvent Ramos (1987); Schwartzmann (2018); Baquião (2011); Mendes (2018); Moraes (2020); González Montero (2005); Smith (2011)	Junção de forma e substância ou expressão e conteúdo
Linguística Aplicada	Salveda e Paccola (2017); Pereira (2018)	Caráter comunicativo, contextual e dialógico

Fonte: Elaboração própria (2023).

2.2 Semiótica Discursiva: Significação em Ato

As questões que envolvem processos de interpretação de texto são constantes e antigas. Desde Aristóteles, em sua *Retórica* e *Poética*, fatores que dizem respeito aos fatores formais do texto perfazem as reflexões sobre sua função, aplicação, estrutura, além de buscar compreender como fatores do seu conteúdo são explorados (Fiorin, 1999).

Nessa linha, várias são as abordagens que visam à compreensão do conteúdo do texto, assim havendo relações diretas com os sentidos propostos nas palavras, como fatores implicados em uma semântica lógica de relação lexical, como ainda teorias que demonstram que o sentido se constrói na realização do discurso, sem o qual não é possível haver a compreensão total do texto (Fiorin, 1999).

Sendo assim, é objetivo desta seção analisar posicionamentos na linguística que explorem o sentido e a constituição do discurso e, assim, através da instrumentalidade da semiótica discursiva, de linha francesa ou greimasiana, analisar o impacto do discurso para promover a interpretação.

Em aspectos linguísticos, a preocupação com o sentido surge com Saussure no seu *Curso de Linguística Geral*, em 1916 (Mendes, 2011). É bem verdade, que Saussure não discorre sobre os fatores que envolvem o texto, muito menos chega a explorar o discurso, contudo ao explorar as situações referentes à *langue* e à *parole* e determinar que a *langue* é o sistema, acaba por declarar a existência de meandros formais para tratar do sentido e para isso determina, através do nascimento da semiologia – ciência que se dedica a estudar a vida dos signos no seio da vida social -, estudos que se direcionam ao signo, recurso psíquico, que une um significante e um significado, ou seja, a imagem acústica ao conceito (Saussure, 2006).

É válido destacar que essa abordagem teórica se fundamenta em uma concepção epistemológica mental, visto que o signo não é a junção de uma palavra ao objeto, mas sim

uma imagem acústica, que se produz mentalmente, a um conceito, aquilo que se produz na mente para identificar as coisas que participam da realidade linguística (Saussure, 2006).

Assim, a língua se torna o objeto central da semiologia, pois “a língua é marcada por aquilo que é essencial, ou seja, o que é permanente”, com isso, no plano cognitivo, “[...] ela é detida mentalmente sob a forma de marcas, de natureza psíquica, enquanto as produções de fala são marcadas pela dimensão física da fonação” (Mendes, 2011, p. 177).

No plano sintático, “[...] ocorre o encadeamento linear das unidades da língua”; já no plano associativo, “[...] formam-se mentalmente associações entre palavras, relações que repousam na analogia dos significados [...]” (Mendes, 2011, pp. 177-178).

Nesse aspecto, a língua assumiria uma relação de valor, o qual se configura a partir da comparação e da diferença, com isso “essa combinação produz uma forma, não uma substância” (Saussure, 2006, p. 131).

Diante disso, as relações ocorrem sobre a materialidade das formas, na constituição de um valor, sem se preocupar com o acesso ao conteúdo, ou seja, “[...] o signo só existe em função de sua significação, da mesma forma que a significação só existe em função do signo”, somado, assim, ao fato de que “[...] tanto o signo como a significação só existem em função da diferença entre os signos, ou seja, seus respectivos valores” (Mendes, 2011, p. 179).

Na visão saussureana, constantemente aplicada em sistemas de tratamento informacional, não há preocupações com o modo com que o texto emana o sentido, pois este está assegurado a partir dos valores linguísticos, conseqüentemente os aspectos semânticos se perfazem no signo, ou seja, reduzido ao conjunto lexical, isto é, a forma acessa o valor, não ao conteúdo.

Na perspectiva estruturalista, Hjelmslev, em 1943, mantém a preocupação com as questões da significação voltada para o sistema. Dando continuidade aos fundamentos saussureanos, significante passa a ser tratado como plano da expressão e significado, como plano do conteúdo.

Desse modo, o tratamento do signo é estruturado a partir dessas duas grandezas, também denominadas de *funtivos*, assim a relação solidária e simultânea entre esses *funtivos* garante a função semiótica, com isso esses *funtivos* são subdivididos em forma e substância, ou seja, a língua é representada através da forma, mas o sentido é acessível através da forma e da substância em uma função semiótica.

Frente a isso, na glossemática de Hjelmslev, a forma antecede a substância, assim “[...] o sentido do conteúdo corresponde à cadeia do pensamento e o sentido da expressão à cadeia fônica”, o que leva a entender que “a forma – tanto do conteúdo, quanto a da expressão –, por sua vez, corresponde às distinções paradigmáticas, no que se refere ao sistema, e às distinções sintagmáticas, no que se refere ao processo” (Mendes, 2011, p. 181).

Por sua vez, Hjelmslev (2013) chega a apresentar vagas concepções sobre o texto, contudo como ainda estava articulando um pensamento estruturalista, em que o sentido é resultado da própria semiótica disposta frente à relação simultânea das grandezas expressão e conteúdo, não há indicações acerca do discurso.

Desse modo, para Hjelmslev (2013, pp. 137-138), “uma língua pode ser definida como uma paradigmática na qual os paradigmas manifestam-se por todos os sentidos, e um texto pode ser definido de maneira análoga como uma sintagmática cujas cadeias são manifestadas por todos os sentidos”, ou seja, o texto está alinhado à análise, pois “antes da análise, ele é um dado; durante, ele é reconhecido como semiótico”, o que indica

que o texto é, ao mesmo tempo, “[...] uma condição e um dos resultados da análise” (Badir, 2005, p. 4).

É a partir dos estudos de Algirdas Julien Greimas, em 1973, que o discurso passa a ser relevante nas discussões que imperam a linguística de tradição estrutural e a semiologia. É válido destacar, porém, que Émile Benveniste trouxe para as análises linguísticas problemas que circundam a constituição do enunciado e enunciação.

Para Greimas, o mundo humano era o mundo da significação (Mendes, 2011). Frente a isso, era importante desenvolver um método de análise da significação que não se fundamentasse em uma metalinguagem, pois, para que esse tipo de linguagem funcionasse, a linguagem aplicada à metalinguagem não poderia significar nada, caso contrário, há uma constante ampliação da significação (Mendes, 2011), ou seja, não haveria como se chegar ao entendimento da significação primeira.

Para Fontanille (2019), a significação só pode ser reconhecida pela análise, portanto trata-se de uma unidade que surge na relação entre elemento da expressão e elemento do conteúdo, isto é, “[...] a significação é sempre articulada. Ela só é reconhecível após a segmentação e a comutação entre os termos e só se pode apreender a significação por meio das relações que uma unidade estabelece na outra” (Mendes, 2011, p. 186).

Portanto, a semiótica é a ciência que trata o sentido e a significação, enquanto observa a realização desses fenômenos pelo prisma da cultura, é no discurso que a aspectualização temática e figurativa se revelam.

Para Barros (2009, p. 352), “os temas e figuras são determinados sócio historicamente e trazem para os discursos o modo de ver e de pensar o mundo de classes, grupos, camadas sociais”. Somado a isso, a semiótica discursiva se instaura nos diálogos entre textos e discursos. Assim, “os textos estabelecem diálogos com outros textos, seja no nível

apenas dos conteúdos discursivos dos temas e figuras, seja no nível propriamente textual, em que as relações incluem também as aproximações entre planos da expressão (Barros, 2009, p. 355).

Com isso, é importante entender que os textos são artefatos culturais, independentemente de seu conteúdo, ou seja, embora um texto possa tratar de fundamentos da física, da química e da biologia, a maneira como interage com o seu leitor só é possível pelo conhecimento compartilhado culturalmente, dessa forma a interdiscursividade e a intertextualidade são tão importantes para a interpretação, visto que “os sentidos de um texto dependem sempre das relações, dos dois tipos apontados, que os textos mantêm com outros textos, com os quais concordam ou discordam” (Barros, 2009, p. 355).

Greimas apresenta o percurso gerativo do sentido, que através de níveis de análise, possibilita o acesso ao conteúdo. Essa teoria se caracteriza por ser sintagmática, pois tem como escopo estudar a produção e a interpretação do texto, assim está atenta em detectar o conjunto de categorias e não se limita ao sentido das palavras de um dado sistema de linguagem.

Ela também é geral, “[...] porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação”, além disso “postula que o conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, uma vez que o mesmo conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão” (Fiorin, 1999, não paginado).

É importante destacar que várias manifestações no plano da expressão podem chegar ao mesmo conteúdo, por exemplo o sinal verde do semáforo ou o policial apitando apontando para seguir. Além disso, há situações que só se alcança com a correlação de vários planos de expressão, como a música, o cinema, o teatro e, ainda, há sentidos que se perdem caso não seja explorada toda a cadeia

semântica que perfaz o plano da expressão, como ocorrem nas tirinhas, charge ou memes.

Ademais, a semiótica discursiva de Greimas ainda se caracteriza por ser uma teoria gerativa, pois “[...] concebe o processo de produção de texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, num processo de enriquecimento semântico”, esse percurso gerativo do sentido se constitui como “[...] um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo (Fiorin, 1999, não paginado).

Desse modo, o percurso gerativo de sentido é constituído de três patamares: as estruturas fundamentais, em que ocorre o quadrado semiótico e a fundamentação semântica à base de uma estruturação lógico-lexical; as estruturas narrativas, marcadas pela ação e transformação, em que se destacam as modelizações da competência e performance; e as estruturas discursivas, em que se manifestam a aspectualização da tematicidade e da figuratividade do conteúdo. As três partes são contínuas e necessárias para explorar o conteúdo a partir da expressão (Fiorin, 1999, não paginado).

É através dessa dinâmica de análise texto e discurso em que se destaca um elemento fundamental para o tratamento semiótico do discurso: a isotopia. Além disso, outro elemento importante para semiótica, cuja função é apresentar os fatores que se manifestam no enunciado e na enunciação é a imanência.

Diante desse caminho histórico-epistemológico da semiótica discursiva, Jacques Fontanille (2012, 2019) apresenta uma nova perspectiva para tratar do discurso. Entendendo que era necessário evidenciar níveis de pertinências a uma prática semiótica capaz de analisar não apenas o texto, mas outros tipos de manifestações sógnicas, o discípulo de Greimas, demonstrou uma

organização hierárquica que evidencia níveis de imanência, para cada qual há a análise da isotopia de cada nível para poder ascender ao próximo.

A esse sistema hierárquico, Fontanille (2008) denominou de *percurso gerativo da expressão*, pois defende que a expressão pode assumir várias formas, em vários níveis de pertinência até chegar a formas de vida, ou seja, uma camada simbólica, que evidencia um *ethos* comportamental, em que a conduta apresenta o conteúdo organizado para atuar em determinados domínios.

Os níveis de imanência são organizados como: a) signo-figuras; b) texto-enunciado; c) objeto; d) cenas práticas; e) estratégias; f) formas de vida (Fontanille, 2008). Esses níveis de imanência e pertinência são fundamentais para fazer análise dos atos semióticos que circundam o discurso.

Frente a isso, Fontanille (2019, p. 83) afirma que “[...] o discurso é uma enunciação em ato e este ato é, primeiramente, um ato de presença: a instância de discurso não é um autômato que exerce uma capacidade de linguagem, mas uma presença humana, um corpo sensível que se exprime”. Por sua vez, o *texto* é “[...] aquilo que se dá a apreender, o conjunto dos fatos e dos fenômenos que ele se presta a analisar”, com isso o texto “[...] resulta de um primeiro conjunto de operações – delimitação, segmentação, estabelecimento de dados – aplicadas ao fluxo contínuo da produção semiótica concreta” (Fontanille, 2019, p. 85).

Outrossim, o texto permite identificar “[...] as primeiras microfiguras do plano da expressão”, porém essas unidades textuais obtidas “[...] não são ainda unidades discursivas, porque elas não são necessariamente pertinentes de uma interpretação semântica” (Fontanille, 2019, pp. 85-86).

Já o discurso é definido como “[...] um conjunto de proposições organizadas; o discurso concebido como o produto de uma

enunciação”, portanto o discurso é “[...] um conjunto cuja significação não resulta da simples adição ou combinação da significação de suas partes” (Fontanille, 2019, p. 86).

Assim, o discurso é “[...] uma instância de análise na qual a produção, isto é, a enunciação, não poderia ser dissociada de seu produto, o enunciado”, o que leva a entender que “[...] interessar-se unicamente pelo produto é interessar-se pelas unidades e buscar generalizá-las para configurar um sistema”, todavia “o discurso não se contenta em utilizar as unidades de um sistema ou de um código preestabelecido”, pois isso reduz o alcance da significação, portanto, ao contrário dos sistemas redutores em organização lexical, o discurso [...] inventa incessantemente novas figuras, contribui para redirecionar e deformar o sistema que outros discursos haviam antes alimentado” (Fontanille, 2019, p. 86).

Em suma, o texto é um recurso linguístico que manifesta elementos do plano da expressão, todavia é o discurso que permite o acesso ao conteúdo, pois há recursos presentes no enunciado e na enunciação que configuram a tematização e a figuratização, os quais são correlacionados através da isotopia.

Os elementos do plano da expressão atuam como simulacros para que se possam representar uma realidade: uma prática, um objeto, uma informação até as formas de vida, mas o discurso revela o conteúdo manifestante, pois estabelece em ato as intenções propostas na construção da significação.

Analisar o texto sem analisar o discurso é reduzir o potencial informacional a um aglomerado de palavras que até podem veicular os aspectos semânticos dicionarizados, mas não revelam a produção de sentido e de significação articulados e construídos na produção do texto, porque a partir do momento em que o texto é acionado como instrumento integrante de um conhecimento cultural, é o discurso que se organiza para revelar não só objetos e

conceitos, mas todo o arco argumentativo que coordena as proposições, por conseguinte a

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utiliza-se a semiótica discursiva para compreender a geração de sentido. Com esse propósito, aplicou-se uma metodologia qualitativa, já que há a análise dos conceitos, fundamentos e práticas das teorias envolvidas, além disso, caracteriza-se por ser uma pesquisa bibliográfica, em que se efetiva uma análise crítica. Consultaram-se as revistas de informação e documentação alocadas na base de dados Dialnet, além de materiais recuperados no Google Scholar, Scielo e Scopus para tratar da semiótica discursiva e a constituição do percurso gerativo do sentido e da expressão; além do material citado, que

4 RESULTADOS

A Organização do Conhecimento é um campo que envolve fatores epistemológicos, metodológicos, práticos, técnicos, que permitem debates sobre o conhecimento, sua organização, sua representação como também processos e produtos para que sejam efetivadas as atividades de tratamento, análise e produção de instrumentos para classificar, categorizar, como também para catalogar e indexar, sistematizados na Organização da Informação, por conseguinte esses fatores são fundamentais para a realização da recuperação da informação.

Frente a esses fatores, destacando o que se direciona à análise e ao tratamento documental, como procedimento inerente à Organização e Representação da Informação,

atuação da lógica ou de axiomas para efetuar a inferência.

explora a aplicação da semiótica no processo de representação da informação e recuperação da informação.

A análise se norteou através dos fundamentos teóricos, como conceito, terminologia, linguagem documental, tratamento documental, indexação, texto, enunciado, enunciação, discurso, permitindo que a interpretação ocorresse através da inter-relação dos conceitos efetuando as inferências possíveis para promover avanços na proposta de tratamento documental à base do discurso.

entende-se que se faz necessário debater sobre procedimentos de leitura e de interpretação, por isso recorreu-se à semiótica discursiva, para que seja possível analisar a significação nos níveis de imanência, como uma alternativa de acessar o conteúdo a partir da interação com a expressão.

Nessa linha, utilizando da base teórica e da terminologia da semiótica discursiva, proposta por Fontanille (2008, 2012, 2019), acredita-se ser possível estabelecer uma correlação entre os níveis de imanência e as etapas ou procedimentos que perfazem a organização da informação e a sua recuperação, desse modo analisando cada elemento como uma semiótica-objeto.

Quadro 2: Etapas de procedimentos em semiótica-objeto

Etapas de procedimentos para organização e recuperação da informação	Níveis de Imanência	Semiótica-objeto
Terminologia e vocabulário controlado	Signo-figura	Esses elementos são explorados apenas no plano da expressão, constituídos como signos que carregam em si a tematicidade e figuratividade
Documento	Texto-enunciado	Construção de isotopias. No entanto, explorando apenas o plano da expressão, recupera-se figuras e temas presentes no enunciado.

Objeto informacional	Objeto	A constituição de um objeto que sintetiza a informação e é articulado para gerar acesso à recuperação.
Tratamento documental e processo de indexação	Cena prática	O objeto informacional é realizado na interação de uma cena prática. Assim, a cena o atualiza enquanto o objeto é modelado e ganha sentido devido à sua expressão. Por sua vez, a cena prática também ganha sentido em sua expressão, pois a realização é orientada por protocolos, manuais e instrumentos normalizadores.
Sistema informacional	Estratégia	Base de informações. Requer estratégias para o armazenamento das informações. Disponibiliza estratégias para a recuperação da informação.
Domínios	Formas de vida	Há a configuração de um <i>ethos</i> , ou seja, os domínios evidenciam a conduta das comunidades discursivas.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Frente a isso, aponta-se que a linguagem documental, bem como a terminologia ou vocabulário controlado estariam no primeiro nível: signo-figura, portanto torna-se uma semiótica-objeto do espectro da figuratividade, pois depende da experiência recorrente para ajustar a concentração semântica.

O documento apresenta duas faces: a primeira é uma semiótica-objeto inerente ao nível dos textos-enunciados, pois em sua materialidade textual ou metalinguística é constituído de isotopias figurativas ou temáticas, responsáveis por fornecer os dispositivos da enunciação; a segunda é um objeto-suporte, já que é no documento em que se concentram os conceitos que serão representados, portanto outras semióticas-objetos incidem sobre ele.

O objeto informacional é uma semiótica-objeto que se realiza no nível do objeto. Evidentemente há a inter-relação semiótica de dois objetos-suportes nesse nível; uma semiótica-objeto de nível inferior: o documento primário, original que alimenta e atualiza o objeto informacional; e uma semiótica-objeto de nível superior: o sistema informacional, o qual é realizado decorrente as estratégias aplicadas na confecção do objeto informacional.

O processo de indexação é uma semiótica-objeto pertinente ao nível das cenas práticas, pois é decorrente da prática e das

cenas predicativas que se executam processos de acomodação da informação.

O sistema informacional também assume duas faces: objeto-suporte como já mencionado e semiótica-objeto no nível das estratégias, visto que concentra um conjunto de conjecturas vinculadas a gestão da informação ali depositada, como também age como iconização de comportamentos estratégicos para a recuperação da informação.

Por fim, os domínios são uma semiótica-objeto no nível das formas de vida, pois efetuam um *ethos* de compreensão da informação que perfazem estilos de comportamento e conduta, que são resultantes do posicionamento discurso das comunidades científicas e culturais.

Partindo desses fundamentos na constituição do discurso, que se materializa através do plano da expressão, em que o documento é visto como uma semiótica-objeto, verifica-se o sentido oriundo do percurso gerativo da expressão, que evidencia a correlação entre signo, frases e proposições na configuração do enunciado e deste os efeitos de sentido manifestantes na enunciação e sua atualização através da isotopia da tematização que se estabelece através de constatação da coesão, coerência e congruência em direção ao acesso do plano do conteúdo.

A materialização do texto como plano da expressão é fundamental para possibilitar o

reconhecimento da significação que se realiza no discurso, ou seja, evidenciar o processo de significação manifestante no documento e a constituição da semiose, visto que se trata de procedimentos intrínsecos à cognição, o que proporciona a equivalência de isotopia temática em conjuntos de conceitos presentes no documento para que sejam evidenciadas, representadas e registradas as formas de vida.

Nessa perspectiva, entende-se que a análise documental tradicional, fundamentada no texto, restringe-se à seleção de palavras-chave, isto é, reduz-se a análise semiótica ao nível do signo como imagem-tema, quer dizer, é uma análise que se realiza no primeiro nível de imanência – signo-figura –, muitas vezes, já condicionadas pela prática profissional, ou um processo repetitivo, ou pelo ajuste ao atendimento às normas de indexação, por isso discute-se um procedimento de indexação que explore, no tratamento documental, o discurso constituinte no documento, para que o objeto informacional, atendendo às conjecturas dos sistemas informacionais possa refletir as formas de vida.

Embora o procedimento que envolve o tratamento, a leitura documental e a indexação como produto desse trabalho profissional seja direcionado por normas e protocolos, os objetos informacionais são resultantes, no método tradicional, de uma relação direta entre enunciado e linguagem documental, além de estarem, semioticamente, em níveis intermediários, no processo de interpretação da aspectualização temática e figurativa do documento.

Por outro lado, o objeto informacional pode revelar mais da aspectualização do documento, ou seja, seus recursos temáticos e figurativos, que em congruência, performatizam, na relação sintaxe-semântica que efetiva o percurso gerativo a congruência de isotopias que fundamentam a constituição de conceitos, os quais se manifestam como formas de vida, visto que ao aplicar os

fundamentos teóricos da semiótica discursiva, proposta por Jacques Fontanille, é possível analisar a construção das proposições que estabelecem os argumentos, já que estes estão inseridos nos parágrafos que conjuntamente estabelecem a coesão, a coerência, conseqüentemente as conjunturas e o *ethos* comportamental frente à informação.

Assim, congruência, que, efetiva a coesão e a coerência inter-relacionadas, evidencia a significação manifestante na interface texto e enunciado, caracterizando a intencionalidade, a aspectualização, ou seja, a tematização e a figurativização que processam a isotopia do texto, tanto no nível textual quanto no nível discursivo, isto é, recuperando conceitos que são oriundos de intertextualidade e interdiscursividade, assim explorando de modo mais profundo o que o documento tem a oferecer como informação produtiva decorrente do sentido e significação estabelecidos em nível cognitivo.

Decorrente a todo o processo gerativo constituído nos níveis de imanência, evidenciam-se os conceitos, não porque atendem à demanda do domínio, mas porque a práxis discursiva em ato manifesta as formas de vida que se apresentam desde o nível de texto-enunciados.

Após a evidência das formas de vida, retornar ao primeiro nível: signos-figuras é um processo conduzido por uma hierarquia que converge a concentração de toda informação em recursos que possam atuar como catalisadores de um aglomerado de informações anteriormente constituídas, visto que essas informações são concentradas pelo artifício semiótico da isotopia, ou seja, há no plano da expressão, semiótica-objeto de nível um, o respaldo cognitivo que permite o acesso ao plano do conteúdo, pois esse percurso explorou diversos fundamentos que efetivam a dinâmica entre informação e cultura, ou seja, informação científica e comportamento do usuário frente à conduta de um domínio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses apontamentos, conclui-se que a semiótica discursiva é capaz de oferecer para a Representação da Informação mecanismos de interpretação à base semiótica, que verifica o signo, a proposição, a isotopia, a intencionalidade, a aspectualização, a intertextualidade e a interdiscursividade a fim de garantir que promova relações semânticas e cognitivas com as propriedades científicas do documento.

Além disso, a análise discursiva se mostrou bastante eficiente para, teoricamente, tratar de modo mais efetivo e contundente a informação manifestante no nível discursivo do documento, permitindo que o processo de indexação ou catalogação seja mais contemplativo na abordagem temática, possibilitando evidenciar interdiscursos, ou seja, evidenciando que o documento possui um aporte mais amplo sobre as conexões de objetos científicos. Somado a isso, entende-se haver, a partir deste estudo, condições para desenvolver pesquisas a fim de ajustar a teoria à prática de representação da informação, já que cada elemento pode ser analisado como uma semiótica-objeto.

6 REFERÊNCIAS

- Almeida, C. C. (2011). Elementos de linguística e semiologia na organização da informação. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Almeida, C.C. (2012). Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 5, 1-18.
- Almeida, C. C. (2010, Setembro 28–01). Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação [Anais]. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 9. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Badir, S. (2005). A noção de texto em Hjelmslev. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, 3(2).
- Baquião, R. C. (2011). Signo, significação e discurso. *Estudos semióticos*, 7(2), 52-62. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=576214>.
- Barros, D. L. P. (2008). de Preconceito e intolerância em gramáticas do português. In: Barros, D. L. P.; Fiorin, J. L. (Org.). *A fabricação dos sentidos: estudos em Alfa*, São Paulo, 53 (2): 351-364.
- Barros, C. M., Café, L. M. A., & Almeida, C. C. (2013, Outubro 29–01). Informação musical e interpretação: contribuições semióticas para o campo da organização

- do conhecimento. [Anais]. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14, Florianópolis, SC, Brasil.
- Barthes, R. (2004). Texto (teoria do). In R. Barthes, *Inéditos* (pp. 261-289). Martins Fontes.
https://iedamagri.files.wordpress.com/2020/02/aula5_barthes-teoria-do-texto.pdf.
- Evangelista, I. V., Guimarães, J. A. C., & Almeida, C. C. (2014, Outubro 27–31). A semiótica como subsídio para a representação do conhecimento: uma análise conceitual sobre o tema [Anais]. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 15. Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Fiorin, J. L. (1999). Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *DELTA: Documentação De Estudos Em Lingüística Teórica E Aplicada*, 15(1), 177–207.
<https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000100009>.
- Fontanille, J. (2008). *Práticas semióticas*. Trad. Trad. Desiderio Blanco. Lima: Universidad de Lima, Fundo Editorial.
- Fontanille, J. (2012). *Semiótica y literatura: ensayos de método*. Trad. Desiderio Blanco. Lima: Universidad de Lima, Fundo Editorial.
- Fontanille, J. (2019). *Semiótica discursiva*. Trad. Jean Cristtus Portela. 2ª ed. São Paulo: Contexto.
- Friedman, A., & Thellefsen, M. (2011). Concept theory and semiotics in knowledge organization. *Journal of Documentation*, 67(4), 644-674.
- González Montero, J. A. (2005). De la palabra/oración al texto/discurso. *EA*, (8), 195-230.
<https://ea.ceuandalucia.es/index.php/EA/article/view/139/115>.
- Hjelmlev, L. (2013). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.
- Ilari, R. (2018). O estruturalismo linguístico : alguns caminhos. In A. C. Bentes (Ed.), *Introdução à linguística : fundamentos epistemológicos* (pp. 53-92). Cortez.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5611466/mod_resource/content/1/texto_estruturalismo_ilari.pdf
- Izquierdo Alonso, M. (2000). Nuevos enfoques en el estudio del tratamiento documental de contenido desde los presupuestos de las ciencias del lenguaje. *Scire*, 6(1), 143-163.
- Izquierdo Alonso, M. (2004). Nuevos retos en el análisis documental de contenido: gestión de la forma documental del contenido. *Scire*, 10(1), 31-50.
- Izquierdo Arroyo, J. M. (1990). La ciencia de la búsqueda documental secundaria. *Documentación de las Ciencias de la Información*, (13), 87-111.
- Izquierdo Arroyo, J. M. (1993). De la semiótica del discurso a la semiótica documental. In J. A. Moreno González (Ed.), *Aplicación de las ciencias del texto al resumen documental* (pp. 199-216). Universidad Carlos III.
- Lara, M. L. G. (1993). Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. *Ciência da Informação*, 22(3), 223-226.
- Lara, M. L. G. (2006). É possível fala rem signo e semiose documentária?. *Encontros Bibli*, (2), 18-29.
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>.
- Lara, M. L. G. (2001). O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documentária e a linguagem documentária. *DataGramaZero*, 2(6).
http://www.dgz.org.br/dez01/Art_03.htm
- Lara, M. L. G. (2000, Novembro 6–10). *Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas*. [Anais]. Encontro Nacional

- de Pesquisa em Ciência da Informação, 4. Brasília, DF, Brasil.
- Mai, J-E. (1997). The concept of subject: on problems in indexing. In I. C. McIlwaine (Ed.), Knowledge organization for information retrieval (pp. 60-67). FID.
- Mai, J-E. (2001). Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. *Journal of Documentation*, 57(5), 591-622.
- Mai, J-E. (2000). The subject indexing process: an investigation of problems in knowledge representation. [Tese doutorado, University of Texas at Austin]. Faculty of Graduate School of Library and Information Science.
- Mendes, C. M. (2018). Semiótica discursiva e comunicação: questões sobre linguagem, texto e interação. *Estudos semióticos*, 14(3), 16-32.
- Mendes, C. M. (2011). Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. *Raído - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UFGD*, 5(9), 173-193. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/975>.
- Molon, N. D., & Viana, R. (2012). O círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. *Revista de Estudos do Discurso*, 7(2). <https://www.scielo.br/j/bak/a/SKstZ8JH7M66mxQ7RnncZ7j/>
- Moraes, L. (2020). A noção de texto na semiótica: do texto-absoluto ao texto-objeto. *Estudos semióticos*, 16(3), 233-251.
- Moura, M. A. (2006). Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. *Encontros Bibli*, (2), 1-17. <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>.
- Moura, M. A., Silva, A. P., & Amorim, V. R. (2002). A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. *Informação & Sociedade*, 12(1), 1-22. <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev12n102.htm>.
- Pereira, S. V. M. (2018). O lugar do texto e do discurso em teorias enunciativas e discursivas. *Scripta*, 22(44), 189-202.
- Salzedas, N. A. M., & Paccola, R. A. (2017). Texto: uma busca de definição. *Estudos linguísticos*, 46(3).
- Saussure, F. (2006). *Curso de linguística geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix.
- Schwartzmann, M. N. (2018). A noção de texto e os níveis de pertinência da análise semiótica. *Estudos semióticos*, 14(1), 1-6. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6340750>.
- Sirvent Ramos, M. A. (1987). Em torno al texto: el texto como significancia. *Anales de filología francesa*, (2), 147-156. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=206043>.
- Smith, G. F. (2011). Aspecto lexicográfico de los términos texto, discurso e enunciado en los diccionarios generales. *Revista de lexicografía*, (17), 15-31. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4043086>.
- Tálamo, M. F. G. M., & Lara, M. L. L. G. (2006). O campo da linguística documentária. *Transinformação*, 18(3), 203-211.
- Thellefsen, T. L. (2003). Pragmaticism and the role of terminology. *Impact*. <http://www.impact.hum.auc.dk>.
- Thellefsen, T. L. (2002). Semiotic knowledge organization: theory and method development. *Semiotica*, 142(1/4), 71-90.
- Thellefsen, T. L. (2004). Knowledge profiling: the basis for knowledge organization. *Library Trends*, 52(3), 507-514.

Thellefsen, T. L., & Thellefsen, M. M. (2004).
Pragmatic semiotics and knowledge

organization. *Knowledge Organization*, 31(3),
177-187.